

Sycorax,

fanzine

Colagem de
Anna Costa

Cova que clama
Leticia Nobre

Dona Carma, a curandeira
Yaggo L. C.

A mão invisível
Lorena Collares

Agora digo não
Ierislane Leite

N'oré îukaî xûéne!
Suene Honorato

Sycorax
Dheyne de Souza



Cova que clama

Leticia Nobre

Escorre, enlaça
Nossa nossa magia negra,
Minha raça,
Tua marca,
Sou mulher, mulher preta.

As chamas ocultas
Consigo inflamam,
O mar de mulheres que transbordam destempo,
Chamas que lutam,
Chamas que ferem,
Chamas que clamam o óbito lento.

Tu feres a mim,
No jogo da sorte,
Na curva sangrenta,
Rodízio da morte.
Tu feres a mim,
E neste lamento,
Que peço sustento,
Contigo lutei,
Por mim intervim.

Por que a elas?
Por que não a ti?
Me explora, sedenta.
Sou fria,
Esquenta.
O quente que afoga
A aura deletéria,
Teu luto,
Tua droga.

Você pode então me encontrar?
Te imploro,
Eu luto.
Te sigo,
Eu fujo.
Me bata,
Recebo.
Eu sinto,
Sangro,
Resisto,

Anseio,
E canto aos prantos,
Minha liberdade
Que a mim prometeram.

Mas alerta, senhor!
Se vai me queimar,
Sou fruto valente,
Que cai fervescente
Eu vou adensar
No ar que respira
Nos gritos dançantes,
Vagabunda aberrante
Diabólica, bandida.

Piedade clandestina.
Vem da igreja,
É mentira.
Um surto de farsas,
Essências que somem,
Um furto de almas.

Sou crime
Em lástima
Me extingue, me oprime
Deplora, lamenta.
Dilúvio de mágoas,
A ti enfeitiço
Banho resistência
Sou forte,
Cortiço.

Então me condenas
Por regras violar,
Ir de encontro à doutrina vilã,
Se ser cidadão
É não encontrar vida serena
Nesse triste sistema
Que tanto condena
Meu jovem, meu caro
O desencontro é minh'arte,
É o meu talismã.

Escorre, enlaça
Nossa nossa magia negra,
Minha raça,
Tua marca,
Sou mulher, mulher preta.



Dona Carma, a curandeira

Yaggo L. C.

Maria Carmosa do Nascimento. Nasceu depois da finada Carmosa e da Carmosinha, sua filha, então lhe chamavam de Carma pra não ter confusão. E depois da idade de moça, virou Dona Carma.

Como era de costume nos povoados esquecidos do interior, Dona Carma nasceu sem sobrenome. Um dia pediram nome completo pros seus documentos tardios, “Oxi, pois bote do Nascimento. A única certeza nessa vida é de que nasci e vou morrer, e botar Morte de sobrenome deve dar um azar danado!”. E assim ficou.

Dona Carma era bezendeira boa, “A reza vem direto da boca d’um anjo!”, diziam no povoado. O velho Padre da igreja é que não gostava dessa história, aprendera que cura pela reza só dos estudados na fé, o resto é artimanha do tinhoso! Mas depois de uma garrafada que salvou sua cunhada grávida e do parto complicado do seu sobrinho feito pela própria Dona Carma,

ele amansou pro lado dela. “Os dons que Deus dá vem em mistérios”, dizia, mas não sem algum mal agrado na voz. E, do dom da cura, Dona Carma era entendida! Só conseguia ler números, mas da espinhela caída ao coração quebrado, sabia de cor quais as melhores ervas e a melhor reza. Só não resolvia a morte, mas sabia o preparo para morrer sem dor.

Dona Carma não só era presença certa todo domingo na igreja, como organizava todos os eventos mais importantes da igreja. Os mesmos bancavam as reformas e alegravam o povoado quase sem novidades pra se animar. Ia na frente de toda procissão e era a casa mais animada de gente quando abrigava a capelinha de Nossa Senhora. Nunca abandonou a fé de seus pais e a fé nunca a tinha abandonado.

Dona Carma, até onde se sabe, nunca teve marido, mas tinha uma filha. Dizem no povoado que ninguém vivo conheceu o homem, e quando ela se fosse não ia sobrar mais ninguém.

Dona Carma juntava dinheiro de tudo que fazia, queria que sua filha ganhasse o mundo. Sabia que ali sua filha pouco tinha a ganhar fora um filho nas saias e outro na barriga. Sua filha até ajudava nas preparações e atendimentos, mas Dona Carma sempre deixou claro que sua prioridade eram os estudos.

E apesar de toda precariedade do seu mundo, uns contatos de fora do velho Padre ajudaram concretizar seu objetivo. Sua filha rumou pra cidade grande, com pouco mais de dois meses de sobrevivência em dinheiro e uma formação básica completada a muito custo. Parece que conseguiu se fazer por lá e já é até mãe!

Então não pôde ver quando as coisas começaram a desandar pelo povoado...

Um dia apareceram umas pessoas diferentes pelo povoado. Povo de fora, bem vestido e entregando panfletos. “Grande inauguração da Igreja Real de Cristo dos dias de hoje!”, dizia o panfleto. “Oxi! Mas e a que já tem ali na praça?”, se perguntavam os moradores, “Ah amado, mas a nossa é a de verdade, é a Real!”. Apesar dos narizes torcidos com a novidade e dos

conselhos do padre, a inauguração foi um sucesso! A cidade inteira compareceu!

Exceto o grupo de oração das beatas, o velho Padre e Dona Carma.

A Real veio pra ficar. Com o tempo, a rivalidade pelos fiéis foi acirrando e, como era a arma em comum, a Bíblia Sagrada pouco servia pra ajuizar a questão. Dona Carma nem se emocionava, achava tudo gritaria com pouca fé. “Se tem uma coisa que Deus não é, é surdo. Minha reza mal sai da sala e ele nunca me faltou!”, dizia.

Agora era o Pastor da Real que não gostava dessa conversa de rezadeira, benzendo sem unção e sem cobrar quem lhe procurava por alívio. Começou a aparecer um povo pra achincalhar quando a capelinha passava pela casa de Dona Carma. O Pastor dizia que repreendia os avacalhadores. Mas todo mundo sabia que o evento juntava duas coisas que lhe azedavam: adoração a Nossa Senhora e Dona Carma.

Quando o Pastor caiu doente e voltou curado, gritava pra todo mundo que era cura pelo pano ungido, que oferecia no fim de cada culto. O negócio é que, na boca do povo, foi uma garrafada de Dona Carma que lhe tirou da cama. Mas isso ficou a boca pequena, ninguém nem ousava falar perto do próprio. Ninguém sabe o que aconteceu de verdade, mas o que se sabe é que o burburinho deixou o pastor mais nervoso, com “sangue nos olhos”.

Cada vez mais alto dizia que tinha quebrado uma maldição, mas sem citar quem lhe botou o maldizer. Bradava que só podia ser obra de quem benze sem ser servo na sua igreja; que fora dali a reza pode ser pra Deus ou pro Diabo e ninguém ia saber julgar; que bruxaria tem muitas máscaras e que desarma com rostos idosos e gentis. Mas sem dizer quem lhe botara maldizer.

E aí que começou. Primeiros com os fiéis mais fervorosos, próximos do pastor. Depois com os frequentadores. Então com os desagradados e desafetos. Como dizem, nem Jesus agradou todo mundo, imagine Dona Carma.

Começou a ficar raro o dia em que Dona Carma saia de casa sem ouvir, de sussurro ou de risada, “bruxa” quando passava. Pipocavam pessoas que se diziam envenenadas por suas garrafadas, agora chamadas de “poções”.

Estranho era Dona Carma não se lembrar de ter dado nada alguns e mal conhecer outros. O velho Padre, parecendo envelhecer cada vez mais rápido, tentava apaziguar, mas a impressão é de que não fazia muita força comparado o Pastor, cada vez mais enérgico.

Falava-se em Fogueira Santa, estátua de sal, purificar imagens de idolatras e mais um monte de coisa que o povo nem entendia direito, mas era falado com tanta convicção, que devia ser verdade.

Quando a filha recebeu uma ligação do povoado, algo em si já esperava a má notícia: Dona Carma estava de cama. Fazia tempo que só atendia emergência de vida ou morte e mal era vista pela feira. Até da igreja andava ausente, indo um domingo sim e outro não, sempre muito quieta em suas orações. Soube da igreja Real, do Pastor e de como deram pra chamar sua mãe agora. Decidiu ir cuidar de sua mãe, sentia que o tempo de Dona Carma se acabava rápido.

As missas dominicais agora eram cerimoniais e com pesar, preenchidas de orações pela saúde dos enfermos, que só aumentavam no povoado. Até a igreja parecia enferma. Com as festas minguando, divididas pela rivalidade e sem organização direita, a igreja ia definhando e entristecendo junto com Dona Carma. Festa parecia só ter nos cultos cada vez mais barulhentos da Real.

Quando reviu a filha, Dona Carma sorriu como quem está desacostumado. Até pegou força pra brincar com a neta, que em seus 11 anos nunca tinha conhecido a avó. Ficou até um clima de recuperação, mas em sua idade há pouco a se fazer. Não havia uma Dona Carma para Dona Carma.

O velório de Dona Carma foi o maior evento que povoado se lembrava. Entre amigos, família, desagradados e agradecidos pelas rezas e ervas de Dona Carma, não tinha uma viva alma no povoado que não a conhecesse.

Dizem até que o pastor queria queimar a casa e as imagens de Dona Carma enquanto a cidade esvaziou pro enterro. Mas esse mistério nunca pôde se revelar, pois mais misterioso foi outra queimada no mesmo dia. A Igreja Real de Jesus dos dias de hoje foi ao chão depois do maior incêndio que o

povoado se lembrava. Dizem que só foi tão grande pela grande quantidade de querosene guardado dentro da igreja. Nunca saberemos.

O que se sabe é que apesar das reclamações do velho Padre e das velhas beatas, a filha mandou escrever na lápide de sua mãe: “Aqui jaz Maria Carmosa do Nascimento, mãe zelosa e fiel a Deus”, e por insistência da própria, completou: “Aqui jaz também Dona Carma, curandeira para os enfermos da carne e bruxa para os enfermos da alma”.



A mão invisível

Lorena Collares

acordei perdida
no mundo da heresia,
salém é real
a terra: desigual
liberalismo.
capital.

bruxa vendida
nas letras de músicas,
fantasias.
monetizada...
poderias me queimar?

não sem me julgar

as outras afastadas
hoje pela mão invisível
a morte
o peito
das minhas
ervas daninhas

poderias me queimar?
não sem me arruinar
caçar,
matar,
eternamente!
não sem nos aniquilar.

santo nunca foi
o sangue derramado
as igrejas benditas
as amaldiçoadas
a palavra dita
agora enfeitiçada.

o poder instaurado
o homem salvador
vestígio de ordem,
lágrima de dor
hoje irei dançar
até você acreditar.

poderias me queimar?

não sem me destruir
o nome que criei
as vilas que construí
a mulher que cura
o deus que atura

os céus em comoção
hoje não há, não há
nenhuma redenção
nada mudou
o cálice de sangue
derramou derramou

poderias me matar?
não sem me queimar
de novo
o ápice da festa
a alegria do do
povo

eles sabem o que fazem
jesus não te perdoa
por aquelas que mataram
com água na boca
poderias me queimar?
não sem nos arruinar

presa em sua estaca
vejo a confissão
a culpa estampada
nenhuma aflição

o mal necessário
o bispo, o vigário

condenadas
amarradas
esquecidas
vencidas
poderias me matar?
não sem nos exterminar!



Agora digo não

Ierislane Leite

Do meu ventre, filho meu
Tão pequeno se deu
Quando de ti para longe fui
Que na escuridão se rendeu.
Posso ouvir o clamor
Sussurros de agonia e dor

Ao nascer mulher, pobre, negra
Fizeram de nós seres horrendos
No patriarcado
Por eles roubadas
Da terra à intimidade
Nada restara, nem o próprio ser.

Levaram tudo,
Liberdade, dignidade

Quem olhava, o rosto virava
Distância tomavam
Se odor pútrido sentiam
Qual mal havia?

Ao descer a noite
Meninas sucumbiam
Máquinas usadas
Do prazer insaciável
Daqueles que tudo queriam.
Corpos consumidos
Deuses que mandavam
Como demônios ferviam.

Dons medicinais,
De séculos herdados
A curada ensinada
Magia das ervas
Que todos buscavam
Não mais existia.

Chamadas de bruxas, feiticeiras, feias
Banidas da terra
Queimadas,
Torturadas,
Atormentadas,
Um medo tão grande
Que só aumentava.

Hoje a história refaço
Nela a verdade eu acho

E mostro pra quem quiser ver
Que mulher é muito mais
Que um simples objeto de barro.

Agora digo não,
Não ao medo,
Não a dor,
Não a tortura,
Submissão jamais,
O Corpo é meu
Meu dono, sou eu.

Amo à minha vontade
Mulher ou homem seja quem for
Do prazer o meu poder
Que do meu corpo
Entra e sai quem eu disser
E não adianta espernear
Porque eu já disse:
O Corpo é meu
Meu dono, sou eu.



N'oré îukaî xûéne!¹

Suene Honorato

Eu era kunhã
em cima dum prédio.
Mascava, mascava
pedaços de pau.
Cuspia, cuspia
na tina sagrada
e os restos jogava
aos reles mortais.
Fermento eu botava
coa pouca saliva
no caldo cozido

¹ Publicado originalmente em livro de mesmo título do poema (Editora Patuá, 2020). Do tupi antigo, a frase significa "Não nos matarão!".

virado em cauim.

A boca ocupada
se enchia de fibra
com gosto de morte
memória ruim.

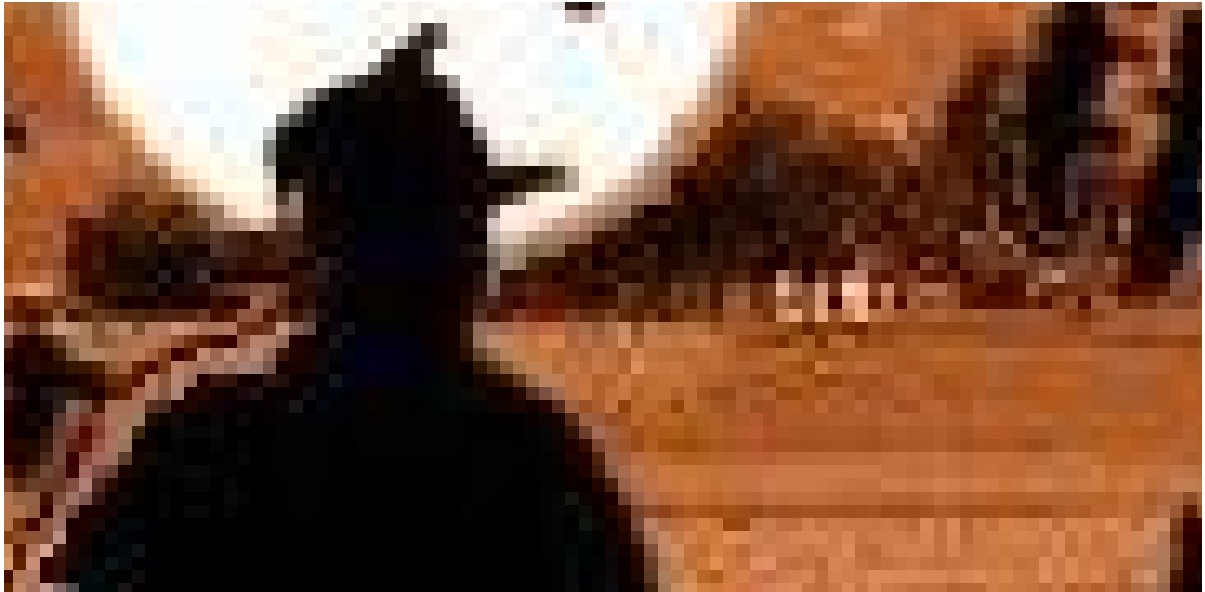
A boca fechada
se abria de raiva
dos tantos parentes
jogados nas valas.

Gritava, gritava:
que mansos que nada!
Tacapes pra cima!
Adianta votar?

Meu nome era Açú.
Da enorme vagina
aberta no alto
não quis sair nada,
o ventre emperrado
travado no espanto.
Embaixo no entanto
– cloaca de gente –
o povo nascia
sem olhos com dentes
a boca amarrada
os pés retorcidos
o umbigo virado
pro resto do mundo.
São só natimortos
cobertos de asfalto.

Zombava, zombava
dos civilizados
que se acham espertos
trancando nas casas
os bens do natal,
que comem as terras
as matas e os versos
de seus ancestrais
e dizem "progresso!"
em nome da ordem
vestindo a bandeira
que os tem enganado
ao longo da história.

E vai-se o cauim
jogado de cima
fervendo na tina:
que tudo embriague
aos vivos e aos mortos
pra festa dos povos.
Não nos matarão!
E o dia virá
que o ventre se abrindo
recubra de gente
a terra cansada.
E caíam-se os prédios
e afundem-se as naus.
Sem posse a terra
será comunal.



Profecia

Paulo Roberto Castelo Branco

Já fui Eva
Fui Joana
De matriarca a feiticeira vil
Na prosperidade sou bruxa
Na desgraça, tempestade.
Quando verei meu Calibã
Livre dos grilhões?
Minha vingança reairá
Em todos os covardes misóginos,
Em todo capitalista escravagista.
Meu sangue tornará a história escarlate
Não repousarei em sossego

Viverei reverberante em cada tempo
No seio dos que reconhecem meu herdeiro
Antes do naufrágio final.
Já fui rebaixada
Minha carne queimada
Meu retrato depredado
Meu corpo esquartejado
Minha ideologia roubada.
Sycorax vive,
Rebela-se,
Enaltece-se,
Propaga-se,
Livra-se!



Sycorax

Dheyne de Souza

O meu nome é Sycorax
finada bruxa banida velha invejosa mãe de Calibã
sobrevivo ao fogo desde então

O meu nome é Sycorax
a bruxa de olhos azuis
feiticeira animista negra
malévola
feito um arco
sobrevivo e sobreviverei a partir de então a cada vez que
o meu nome é Sycorax
essa maldita feiticeira, disse Próspero que escravizou meu filho nossas terras
sua cultura

essa maldita feiticeira, disse Shakespeare que me ocultou dos atos

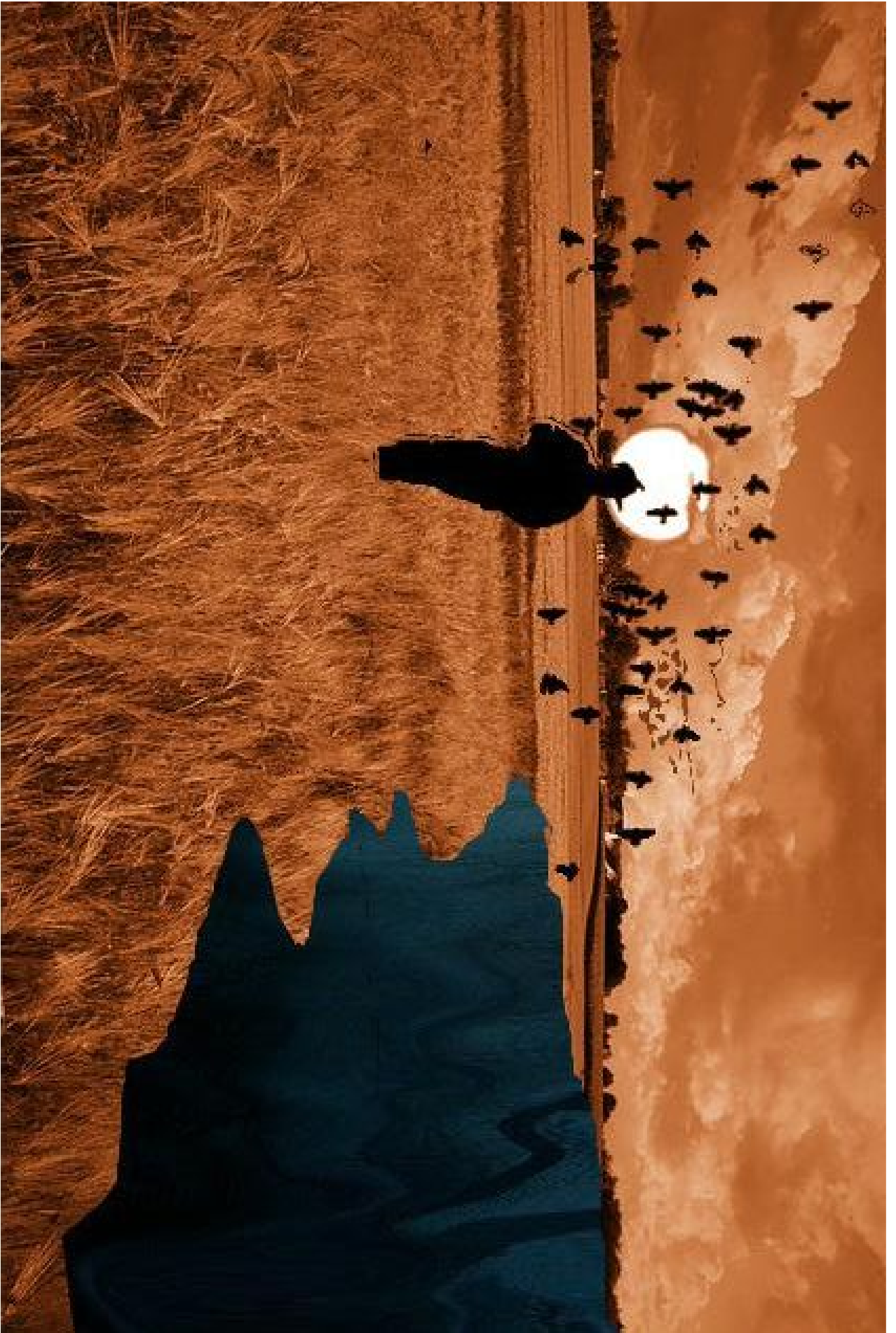
O meu nome é Sycorax
aterrorizo os ouvidos humanos
e gero-os

A minha fúria irrefreável os meus sortilégios os meus abandonos fendas
prisões a minha morte
narraram

O meu nome é Sycorax
sapos escaravelhos morcegos
saíram da sua língua que não conhece
o meu nome
é Sycorax
da lua dos fluxos das ilhas
nas gotas nas folhas nos ventres
eu sou a bruxa argelina

O meu nome é Sycorax
estou há séculos viva
na boca que diz agora
o meu nome

Sycorax



Minibiografias e contatos

Anna Costa é cearense. Pedagoga de formação, descobriu-se artista quando a escrita já não era suficiente. Criadora de conteúdo, compartilha seus aprendizados sobre a excelência preta no continente e na diáspora em @tecituradaanna. Contato: luaisis2704@gmail.com.

Dheyne de Souza é goiana. Mora atualmente em São Paulo. Tem um blog: dheyne.wordpress.com e um canal de leitura de poemas (www.youtube.com/pequenosmundospoeticos). Recém-publicou "lâminas" (poemas, Martelo Casa Editorial, 2020). Contato: d.pequenosmundos@gmail.com.

Sou **Ierislane Carneiro Leite**, 32 anos, nasci em Fortaleza. Graduada em Engenharia de Pesca pela UFC (2006-2012) com pós-graduação em Gestão Escolar pelo Epmig, exerci a função de professora nos cursos técnicos em aquicultura e edificações de escolas estaduais de ensino médio profissional do governo do Ceará e em 2020 escolhi tomar um novo rumo e estudar letras-espanhol retornando à UFC.

Leticia Nobre é graduanda de Letras-inglês pela Universidade Federal do Ceará. Mergulha pelo mundo profundo da leitura feminina e encara os desafios da escrita poética com ênfase temática de identidade e de gênero. Contato: Leticiavidal2910@gmail.com.

Lorena Collares é graduanda de Letras-Ingês pela Universidade Federal do Ceará. Aventureira de primeira viagem no mundo dos escritos e apaixonada por estudos feministas e de gênero. Contato: lorenacoll19@gmail.com.

Suene Honorato é goiana, autora dos livros “N’oré ãukaî xûéne!” e “Vinde, e poetizaremos!”; professora nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará. Contato: suenehonorato@gmail.com.

Yaggo L.C. é Fortalezense, tem 29 anos, Licenciado em Letras-Ingês e bacharel em Sistemas e mídias digitais. Acha estranho falar na terceira pessoa. Contato: yaggolc@gmail.com.

Este fanzine foi produzido pelas [Edições Longarinas](#) durante um minicurso realizado em janeiro de 2021, no qual lemos e discutimos *Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici, e a peça *A tempestade*, de Shakespeare. O minicurso foi realizado de modo remoto, em razão da pandemia de covid-19. A revisão, edição e diagramação dos textos, assim como a propostas do minicurso foram feitas pelo professor Atilio Bergamini, da Universidade Federal do Ceará.